

La Familia Magrigal! Representações de Gênero e Raça no Filme Encanto, da Disney¹

Marina Silva JALES²

Fernanda Mauricio da SILVA³

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

RESUMO

A partir do estudo da construção de personagens, este trabalho analisa os avanços, bem como as continuidades que o filme Encanto (Disney) apresenta com relação a representação de gênero, raça e latinidades. Tendo como horizonte o conceito de representação tal como trabalhado por Stuart Hall (2016), o presente artigo articula estudos sobre raça e gênero, em especial a partir da América-Latina, para discutir como as personagens Alma, Mirabel, Dolores, Luisa e Isabela constroem e desconstroem convenções estabelecidas pelos estúdios Disney em torno de gênero e raça. Tomamos o filme como principal recurso analítico, mas não nos limitamos a ele, uma vez que a produção de sentidos se dispersa em diversos textos. Assim, acionamos também reportagens de portais, comentários estabelecidos em redes sociais e o documentário Descubra a Colômbia, disponível no Disney+, sobre os bastidores de produção.

PALAVRAS-CHAVE: cinema de animação; representação; gênero; raça; América-latina.

INTRODUÇÃO

O filme Encanto é uma animação distribuída pela Walt Disney Pictures, lançada em 25 de novembro de 2021 e, um mês depois, em 24 de dezembro, disponibilizado no Disney+, serviço de *streaming* dos estúdios Disney. Dirigida por Charise Castro Smith, Byron Howard e Jared Bush, o filme fez grande sucesso, sendo indicado a vários prêmios, ganhando o Oscar de Melhor Animação no ano de 2022 e se tornando o filme mais assistido via streaming no mesmo ano⁴.

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior – IJ04 – Comunicação Audiovisual do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Estudante de Graduação 4º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Minas Gerais, bolsista de iniciação científica pela FAPEMIG, email: marina.sjales@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais, email: fernandamauricio@gmail.com.

⁴ Dados da Nielsen, ferramenta que mede alcance e audiência de produtos midiáticos. Matéria disponível em: www.nielsen.com/pt/insights/2023/streaming-unwrapped-2022-was-the-year-of-original-content/. Acesso em: 15 de agosto de 2023.

Encanto acompanha a história de Mirabel, jovem integrante da família Madrigal, cujos integrantes possuem uma particularidade: são dotados de magia e cada um tem um dom/poder particular relacionado a sua personalidade. As exceções são Alma, a matriarca, chamada de *Abuela* (“avó” em espanhol) pelos integrantes da família, e Mirabel, que, por algum motivo misterioso, não ganhou um dom. Essa magia é chamada de “milagre” por *Abuela* e sua função seria a de proteger e auxiliar a comunidade a prosperar.

A história se passa na Colômbia, em um local cercado de montanhas que servem como proteção contra os perigos além dessas fronteiras. Podemos ver elementos comuns dessa cultura, como as vestimentas e a culinária, musicalidade, biodiversidade, fé e danças típicas do país, o que, segundo os idealizadores do filme, faz parte de uma estratégia para gerar reconhecimento e autenticidade.

A trilha sonora é elaborada por Lin-Manuel Miranda e carrega uma sonoridade típica da Colômbia, que embala as histórias das personagens. O álbum musical de Encanto alcançou o topo do ranking “Billboard 200” de álbuns mais populares nos Estados Unidos. A faixa “*We Don’t Talk About Bruno*” alcançou o primeiro lugar na lista “Hot 100” da Billboard⁵, além de ser reproduzida inúmeras vezes no Tik Tok.

Algo que chama a atenção no filme é a diversidade racial presente. Podemos ver uma grande variedade de tons de pele e de texturas de cabelo, tanto em membros da família Madrigal, como nos integrantes da comunidade. Isto representa uma grande mudança em relação às formas tradicionais de construção de narrativas e representações em filmes da Disney e faz parte de uma tendência que vem se instaurando em Hollywood.

Esta mudança é resultado de uma cobrança da sociedade por maior representatividade, para que produtos midiáticos aprofundem suas relações com a sociedade. Como um filme ambientado na Colômbia, Encanto busca refletir a miscigenação característica de países latino-americanos, resultado da interação entre grupos étnicos diferentes, dos quais se destacam indígenas, europeus e negros trazidos da África como escravizados. A própria caracterização

⁵ A lista “Hot 100” da Billboard é uma das mais influentes do mundo e mede o número de *streams* de áudio, vídeo, reproduções em rádio e vendas de faixas musicais nos EUA. *We Don’t Talk About Bruno*, ‘From *Encanto*,’ Hits No. 1 on Billboard Hot 100, disponível em: <www.billboard.com/music/chart-beat/we-dont-talk-about-bruno-encanto-number-one-hot-100-1235025313/>. Acesso em 15 de agosto de 2023.

de uma cultura latino-americana foge do padrão caricato presente em outros produtos culturais, como o já muito comentado “Você já foi à Bahia?”(1944).

Atualmente, a Disney procura, em seus discursos, reforçar o lugar da diversidade por meio da representação de corpos não-hegemônicos do ponto de vista da construção do feminino e da raça. Embora esses enunciados procurem valorizar a identidade da empresa, fica clara uma intenção de se construir de forma distinta do passado, estabelecendo para a Disney uma nova posição diante da audiência. Tendo em vista os eixos gênero, raça e latinidade, o presente trabalho busca analisar as mudanças trazidas por Encanto e seus possíveis impactos sobre a sociedade, bem como evidenciar pontos em que a representação permanece problemática⁶.

GÊNERO, RAÇA E REPRESENTAÇÃO EM FILMES DE ANIMAÇÃO

Filmes de animação são direcionados, majoritariamente, ao consumo do público infantil. As produções utilizam o universo lúdico para construir suas narrativas e, seguindo outras matrizes voltadas para a infância, como as fábulas, tentam ensinar algo relevante para a construção das subjetividades. Esses produtos são fundamentais na construção de repertório social das crianças, fomentando a forma como elas enxergam o mundo. Por isso, boa parte dos filmes possui temas chamados de universais: amizade, família, respeito, lealdade, etc. No entanto, o que a crítica à indústria de animação vem discutindo há muitas décadas é que ao estabelecer um tema como universal, os produtos acabam universalizando certos corpos, aqui compreendidos como corpos hegemônicos; ou seja, brancos, heteronormativos e sem deficiência.

Os filmes infantis são um espaço importante de construção do imaginário sobre o que é (e o que não é) ser mulher ou homem. Segundo Guacira Louro (2000), instituições como escola, medicina, igreja, família e mídia promovem pedagogias do corpo que normalizam e põem em disputa convenções em torno de gênero e da sexualidade.

No que diz respeito às feminilidades, certos gestos (meigos e delicados), corpos (magros, jovens, brancos) são apresentados enquanto norma, o que se expressa em diversas instituições (SILVA, OLIVEIRA, 2022, p. 114).

Teresa de Lauretis, em seu texto “A Tecnologia do Gênero”, defende que “a construção do gênero é tanto o produto quanto o processo de sua representação” (DE LAURETIS, 1987,

⁶ As discussões apresentadas neste artigo são resultado de pesquisa financiada pela FAPEMIG e pelo CNPq.

p. 212). Ou seja, a representação é fruto do que se construiu sobre o papel de gênero, mas também é parte importante da criação desse ideal. E a partir deste ideal, convenções são construídas e ratificadas:

As concepções culturais de masculino e feminino como duas categorias complementares, mas que se excluem mutuamente, [...] formam, dentro de cada cultura, um sistema de gênero, um sistema simbólico ou um sistema de significações que relaciona o sexo a conteúdos culturais de acordo com valores e hierarquias sociais (DE LAURETIS, 1987, p.210).

Stuart Hall, em seu livro *Cultura e Representação*, define representação como “utilizar a linguagem para, inteligivelmente, expressar algo sobre o mundo ou representá-lo a outras pessoas” (HALL, 2016, p.31). Porém, o processo de representação não se resume a simplesmente retratar algo. Quando tratamos de representações em produtos midiáticos, não podemos ignorar as relações de poder que influenciam sua construção. Como o autor argumenta, “em certos momentos históricos, algumas pessoas têm mais poder para falar sobre determinados assuntos do que outras” (HALL, 2016, p.78). Portanto, a representação está diretamente ligada ao contexto histórico em que foi produzida. As relações de poder localizadas em determinado tempo e espaço constroem o que podemos chamar de discurso hegemônico. Em uma sociedade patriarcal, racista e heteronormativa, coube ao homem cis hetero e branco o poder de decidir o que era visto como certo ou errado, belo ou feio, aceitável ou proibido. Nesse contexto, a mulher, o/a negro/a e o/a queer são colocados em posição de inferioridade.

No que diz respeito à construção racial, vemos prevalecer nos filmes de animação o padrão da protagonista branca. Encanto promove uma pequena ruptura ao dar visibilidade a uma diversidade racial mais ampla. Segundo a consultora Alejandra Espinosa,

Temos três heranças colombianas que são muito presentes aqui que são os afro-colombianos, a herança negra. Temos a herança indígena, que são as pessoas que viviam aqui, os nativos originais dessa terra. E temos os mestizos, como espanhóis, uma espécie de raiz espanhola” (DESCUBRA..., 2022, 12’15’’-12’20’’).

Embora esta fala naturalize a formação perversa da mestiçagem na América-Latina, nos utilizamos dela para pensarmos a formação racial no continente, marcado por disputas de poder e hegemonia, o que implica uma experiência racial muito específica. Segundo a antropóloga argentina Rita Segato, a raça é cambiante, fluida, um instrumento de resistência em emergência para tratar de um povo neste continente. Segato considera a raça como elemento de dominação histórica, inclusive a partir das palavras que as denominam: “negro” e “índio” são criações que estabelecem um outro dominado, enquanto posicionam um “branco” como padrão, como

normal. Se a raça é uma condição histórica que diz a posição em que uma pessoa ocupou no tempo-espaço, ela também se encontra em permanente transformação (SEGATO, 2010, p. 32).

Nas páginas a seguir, iremos abordar o modo como o filme *Encanto* mobiliza certos signos para construir representações de raça e gênero a partir de cinco personagens: Mirabel Madrigal, Alma, Luisa, Dolores e Isabela.

ENCANTO EM CONTEXTO: COLÔMBIA E AMÉRICA-LATINA

A Disney, historicamente, possui diversas críticas a respeito da representação de povos distantes cultural e geograficamente dos Estados Unidos, reiterando um olhar colonizador sobre outras culturas e territórios (SILVA, 2023). O estúdio atualmente procura reparar seu passado dando protagonismo a olhares advindos do grupo cultural representado. A produtora procura renegociar seu passado e estabelecer um novo pacto com a audiência tendo a diversidade como valor (SILVA, 2023), como acontece com os live actions “O Livro da Selva”, “O Rei Leão”, “Aladdin” e “A Pequena Sereia”.

Apesar de majoritariamente composta por homens brancos norte-americanos, a equipe de produção de *Encanto* teve Lin-Manuel Miranda como uma figura central para a construção do filme. Miranda é um *nuyorican*, termo utilizado para se referir a descendentes de porto-riquenhos nascidos ou radicados nos EUA, principalmente em Nova York (TORRES, 2001, p. 14). O artista tornou-se mundialmente conhecido após o sucesso do musical “Hamilton” (2015), em que conta a história da guerra de independência dos Estados Unidos de uma outra perspectiva, utilizando o *hip hop* e dando protagonismo à pessoas negras⁷. Miranda cresceu em uma vizinhança hispânica e sempre teve como referência musicais estilo Broadway e o *hip hop*.

Para buscar maior efeito de realidade, a equipe de *Encanto* viajou para a Colômbia a fim de explorar o território e descobrir os potenciais de imagens que poderiam entrar no filme. A guia cultural colombiana Alejandra Espinosa Uribe atuou como consultora do filme e tentou mostrar aos executivos

⁷ Mais informações na reportagem do jornal New York Times: *Lin-Manuel Miranda, Creator and Star of ‘Hamilton,’ Grew Up on Hip-Hop and Show Tunes*, disponível em: <<https://www.nytimes.com/2015/08/16/theater/lin-manuel-miranda-creator-and-star-of-hamilton-grew-up-on-hip-hop-and-show-tunes.html>>. Acesso em 16 de agosto de 2023.

como as pessoas normais vivem. Ter a experiência real. Ir às casas das pessoas e ver seus artesanatos. [...] Os camponeses e a cultura camponesa, as pessoas que vivem em áreas rurais são o pilar da história da Colômbia (DESCUBRA..., 2022, 6'30''-7'02'').

Alejandra é uma das colombianas que se juntou à equipe de produção do filme para assegurar que os signos de reconhecimento do país estivessem presentes, evitando clichês e estereótipos. Edna Liliana Valencia Murillo, outra colombiana que integrou a equipe, afirmou:

eu decidi fazer esse filme com a Walt Disney porque não quero que as crianças da Colômbia cresçam como eu. Quero que tenham a oportunidade de crescer se sentindo lindas. Assistindo a um filme em que possam se ver" (DESCUBRA..., 2022, 18'00''-19'00'').

Como parte de sua estratégia de valorização da diversidade, a Disney procura cercar-se de um grupo de consultores que permita elaborar um olhar “a partir de dentro”, um modo de ver o mundo que traduza a experiência a partir de quem a vive, mas que mantenha a identidade Disney na construção dos personagens e nas grandes narrativas.

Partindo para uma análise da narrativa, encontramos mais elementos de identificação com a comunidade latino-americana (dentro e fora dos EUA). Uma das personagens centrais do filme é *Abuela*, Alma Madrigal, a matriarca da família, que, viúva, cuida da família em prol da comunidade. Conhecemos a história de vida de Abuela apenas no final do filme, embalada pela canção “*Dos Oruguitas*” (MIRANDA; FRANCO, 2021), indicada ao Oscar de melhor canção original em 2022. Ao longo da música, descobrimos que, em sua juventude, Alma e seu recém marido, Pedro, tiveram que fugir de sua vila para sobreviver ao massacre de sua pequena cidade. Durante a fuga e para proteger sua família, Pedro se entrega e é morto por seus agressores. Esse sacrifício é o que faz nascer o encanto, o milagre que alimenta a família Madrigal. Também é nesse momento que a vila de Encanto levanta suas fronteiras, a fim de proteger a comunidade.

A relação entre vida e território é um tema central que perpassa na Colômbia. Segundo Arturo Escobar (2016), fatores como a exploração da cana-de-açúcar, a mineração, o assédio imobiliário, a construção de usinas hidrelétricas, provocaram uma série de deslocamentos forçados, o que levou as comunidades locais, especialmente as descendentes dos escravizados africanos e indígenas a estabelecer formas de resistência para afirmar a relação com a terra como espaço de existência.

As imagens do filme fazem referência a diversos desses elementos simbólicos: o rio, as montanhas estabelecendo fronteiras e o direito à paz que, no filme, é construída em torno do milagre. Essa perspectiva é reforçada nos bastidores do filme, como é o caso de Juan Pablo Jones, executivo de criação:

Nos países latino-americanos, temos a noção de que algo bom vai acontecer se tivermos fé, paixão para mudar. [Encanto] é uma história sobre deslocamento no início, sobre deixar algo ruim para trás e construir um lar melhor. Isso foi algo que ouvimos dos colombianos sem parar” (DESCUBRA..., 2022, 13’10’’-13’36’’)

Alma Madrigal assume o papel de liderança da comunidade para assegurar a paz e o direito à vida. Como matriarca ela própria, na canção “*All Of You*” (MIRANDA, 2021), afirma: “tive tanto medo de mudar/ que me apeguei à rigidez”, o que define sua personagem. A ausência de dons faz Alma colocar Mirabel numa posição inferior e deslocada da família: o menor quarto, as funções subalternas. Portanto, a relação entre Alma e Mirabel provoca uma reflexão sobre as transformações temporais por meio das gerações da família.

Para além da história de Alma, a representação dos personagens em *Encanto* remete muito à caracterização de imigrantes latino-americanos e seus descendentes nos Estados Unidos. Os personagens adultos falam inglês dotado de um sotaque típico de falantes nativos de língua espanhola, mais presente em uns e mais discreto em outros. O sotaque e o uso de expressões em espanhol remete aos dialetos utilizados pelos imigrantes latinos e seus descendentes. Entre esses dialetos, podemos destacar o *spanglish* (TORRES, 2001, p. 21), que mistura o inglês e o espanhol.

A semelhança nos remete à origem latina de Lin-Manuel Miranda. Como um *nuyoricano*, Miranda cresceu com a vivência desse grupo marginalizado, que enfrenta problemas de moradia e deslocamento forçado. Uma das dificuldades enfrentadas por sua comunidade está no processo de renovação urbana (chamado de “*gentrification*”), “cujo boom se deu em meados da década de 70, em que bairros inteiros foram “recuperados” (tendo como consequência a expulsão dos moradores originais)” (TORRES, 2001, p. 93). Segundo a autora, a comunidade porto-riquenha busca formas de resistir a esse apagamento de sua cultura:

É relevante destacar-se aqui, no entanto, a contra-ação que passou a tomar conta da paisagem urbana nova-iorquina, nas últimas décadas, representada pela construção de *casitas* tipicamente rurais em terrenos baldios - um forte elemento de reconstrução de um discurso de identidade cultural porto-riquenha (TORRES, 2001, p. 93).

As *casitas* tornaram-se centros comunitários que abrigam reuniões e festas da comunidade, um pedaço de Porto Rico na metrópole estadunidense. É notável a semelhança com a *Casita* do filme *Encanto*, que, para além de ser um imóvel, se torna um personagem que interage com os membros da família e simboliza sua união na reconstrução de um lar.

POSSIBILIDADE DE NOVAS REPRESENTAÇÕES NOS ESTÚDIOS DISNEY

A Disney possui uma longa tradição de produzir os chamados “filmes de princesa”, histórias que giram em torno de uma personagem feminina com características tidas como “nobres” e que se encontra em alguma situação de dificuldade da qual são salvas por um príncipe encantado e o poder do amor verdadeiro. Um exemplo é a animação “Cinderela”, lançada em 1950. Cinderela é uma mulher magra, branca, de olhos azuis e cabelos loiros. Este era o ideal de feminilidade vendido e valorizado. Em contraponto, suas irmãs “feias” não tem a delicadeza de Cinderela, não tem o nariz tão afinado nem a pele tão branca. Ao fim do filme, uma das características que as impedem de ficar com o príncipe é não ter os pés tão pequenos quanto os de sua irmã, que é elevada à condição de princesa através do casamento.

Mirabel Madrigal, personagem principal e condutora da história de *Encanto*, é uma garota cuja determinação foi capaz de salvar a família. O arco de Mirabel retrata uma menina que se sente inferior ao restante de sua família, mas que aos poucos vai percebendo a importância e o poder que tem. Mirabel constrói sua autoestima, assim como reconstrói a *Casita* ao final do filme. A personagem é um exemplo de protagonista que não precisa recorrer a um príncipe encantado para mudar seu status e solucionar suas questões. Além disso, a aparência da personagem, com sua pele acobreada, óculos redondos e cabelos encaracolados, aproxima o filme do público. Vale lembrar que uma menina brasileira, ao ver o filme *Encanto*, se reconheceu na versão mais jovem da personagem Mirabel⁸.

Encanto traz mais personagens femininas diversas. A personagem Luísa, por exemplo, está longe do ideal de feminilidade construído em clássicos do gênero. Ela não é delicada nem pequena. É alta, musculosa e seu poder é a super força, característica geralmente ligada a personagens masculinos. Fosse na animação de 1950, Luisa seria considerada uma irmã feia,

⁸ O vídeo da criança assistindo ao filme e dizendo “sou eu” viralizou e foi repercutido por Viola Davis em suas redes sociais. O assunto pode ser visto em: <<https://www.itatiaia.com.br/noticia/viola-davis-posta-video-de-menina-de-mg-que-se-viu-em-filme-da-disney-o-poder-de-se-enxergar-na-historia>>. Acesso em: 25 jan. 2022.

com seus cabelos e olhos escuros, nariz largo e porte físico avantajado. Neste sentido, o filme quebra padrões ao ligar a imagem de Luísa a algo positivo e admirável.

Isabela, irmã do meio de Mirabel, é sempre associada a signos ligados à feminilidade, como os tons de rosa que compõem seu figurino ao longo da maior parte do filme e a presença constante de flores ao seu redor. É também objeto de admiração de sua família e da comunidade. Na música “*The Family Madrigal*” (MIRANDA; FRANCO, 2021), em que Mirabel apresenta os membros de sua família, a mesma se refere à irmã como “*primadonna*”. A expressão tem origem no italiano e é o nome dado à protagonista de uma ópera, cantora e personagem principal. Em um sentido mais informal e pejorativo, a expressão é utilizada para caracterizar uma mulher “egocêntrica, narcisista, cheia de caprichos, que tem o hábito de exigir coisas descabidas”⁹. Essa definição faz sentido com a visão negativa que Mirabel tem de sua irmã, justamente por não conhecer seus verdadeiros anseios. Colocada nesse posto de diva, Isabela é sempre mostrada como uma mulher cujas prioridades são o matrimônio e a manutenção de sua beleza.

Sua narrativa, inicialmente, gira em torno de seus planos de casamento com Mariano. Porém, em uma reviravolta importante do filme, Isabela revela que não quer se casar e está perseguindo este objetivo unicamente por achar que isto será algo bom para sua família. Ao desabafar sobre isso com sua irmã Mirabel, Isabela sente algo que não se permitia sentir: a revolta, a rebeldia e a vontade de fazer diferente.

Na música “*What Else Can I Do*”, Isabela relata a descoberta de sentimentos e formas de se construir diferentes daquelas a que se prendia com o objetivo de se adequar à expectativa colocada sobre ela. A personagem, cujo dom é fazer plantas nascerem e crescerem conforme a sua vontade, passa a criar plantas que não são tão agradáveis e “dóceis” quanto flores aromáticas e rosas de diferentes tons. A música marca a libertação de Isabela dos ideais de feminilidade e docilidade tradicionalmente associados ao gênero feminino.

A não substituição de interesse amoroso da personagem também provocou questionamentos sobre sua sexualidade por parte do público. Com a cobrança por representatividade, ficou mais forte a demanda para que a Disney representasse personagens

⁹ Definições de acordo com o Dicionário Online de Português, disponível em <<https://www.dicio.com.br/primadonna/>>

cuja sexualidade saia do padrão heterossexual e heteronormativo. No caso de Isabela, alguns elementos do filme corroboram essa hipótese. Na letra da música, a garota se pergunta o que pode ser ou fazer para além das possibilidades a que tinha se restringido até o momento. Os seguintes versos abrem a canção:

*I just made something unexpected/ Something sharp, something new/ It's not symmetrical or perfect/ But it's beautiful and it's mine/ What else can I do?*¹⁰
(MIRANDA; FRANCO, 2021).

Outros momentos da música vão na mesma direção:

*“What could I do if I just grew what I was feeling in the moment? [...] What can you do when you know who you wanna be is imperfect?/ But I'll still be okay*¹¹
(MIRANDA; FRANCO, 2021).

À partir do momento de libertação da personagem, a paleta de cores utilizada em suas roupas muda, dos tons de rosa e violeta, para o preto “manchado” por cores diversas. Essa mudança é justificada por uma guerra de cores ao estilo Holi, festival tipicamente indiano que celebra a chegada da primavera. Para além da superação dos tons de rosa, essa combinação de diversas cores remete a um arco-íris, símbolo tradicional da comunidade LGBTQIAPN+¹².

Algo que veio fortalecer o questionamento sobre a sexualidade de Isabela, foi uma entrevista de Diane Guerrero, intérprete vocal da personagem, em que a atriz afirma que a personagem é lésbica. A entrevista foi concedida à ET Online, em 28 de março de 2022¹³. Ao ser perguntada sobre como ela gostaria que fosse uma sequência do filme Encanto, Guerrero responde: *“I mean, I think Isabela is gay so I hope to... actually no, I know Isabela is gay. And I would like to see the story go there”*¹⁴. A atriz ainda complementa:

These women, these strong women in Encanto, knowing that they are different from what they are told they're supposed to be. And we see Isabela sort of shattering the

¹⁰ Dublado como: “Eu encontrei uma coisa nova/ E nem sei o por quê/ Não é simétrica ou perfeita/ Mas é mágica/ E é minha/ Que mais vou fazer?”

¹¹ Dublado como: “E se eu cansasse e brotasse/ tudo aquilo que eu sinto? [...] O que fazer se perceber/ que não quer mais ser perfeita?/ Mas eu vou ficar bem”.

¹² Sigla mais utilizada atualmente, compreende Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Transgêneros/Travestis, Queer, Intersexual, Assexual, Pansexual e Não-binários. O “+” busca incluir outras expressões de gênero e sexualidade além das previamente mencionadas.

¹³ Disponível em: <<https://www.etonline.com/media/videos/diane-guerrero-believes-encanto-character-isabela-is-gay-hopes-to-explore-in-sequel>>, Acesso em: 15 de agosto de 2023.

¹⁴ Traduzido como: “Quer dizer, eu acho que a Isabela é gay, então eu espero que... Não, na verdade eu sei que Isabela é gay. E eu gostaria que a história fosse para esse lugar”

norm of getting married and having this traditional life with a husband and she's kind of shattering all of those expectations and being herself. And I really hope that it could go that way for Disney. It would be very meaningful.¹⁵ (ET Online, 2022, 1'14" - 1'43")

Representações diversas podem tocar as pessoas de diferentes formas, servindo como catalisadoras de processos de descoberta e libertação, bem como de construção de um orgulho. Independentemente de ser canônico, o próprio questionamento sobre a sexualidade de Isabela é importante e representa um avanço com relação a caracterização de personagens em filmes de animação infantil.

Porém, nem tudo são flores. Ao analisar a personagem Dolores, é preciso pensar na interseccionalidade entre gênero e raça. Parte da terceira geração da família Madrigal, filha de Pepa e Felix, Dolores é representada como uma mulher negra, com a pele pouco mais clara que a de seu pai, cabelo crespo e lábios grossos. A personagem está sempre em segundo plano, ficando com o papel de prima que escuta e conta tudo. Apesar de ter interesse romântico em Mariano, Dolores nunca é cogitada para o casamento, ao contrário de sua prima, Isabela, que tem a pele clara, cabelo liso e representa o ideal hegemônico da feminilidade. Temos aqui uma representação que nos remete à solidão das mulheres negras, que são frequentemente preteridas em interesses românticos.

No discurso do estúdio, a presença de personagens racialmente diversos representa um avanço em relação à proximidade com as audiências. A consultora cultural Edna Liliana, uma mulher negra colombiana, afirma seu lugar de fala como espaço de legitimação para a construção de personagens negros, especialmente a Dolores. Edna declara: “eu vim trabalhar na representação negra para deixar as jovens negras confiantes quando vissem o filme” (DESCUBRA..., 2022, 08'01''- 08'17'').

Contudo, ao analisarmos a construção de Dolores em Encanto, encontramos o mesmo problema apontado por Karina Gomes Barbosa e Francielle Neves de Souza, em seu artigo “A Solidão das Meninas Negras” (2018). As pesquisadoras chamam a atenção para o fato de que, apesar de representar meninas racializadas, nenhuma discussão sobre raça é feita nesses

¹⁵ Traduzido como: “Essas mulheres, essas mulheres fortes de Encanto sabendo que são diferentes do que lhes é dito que deveriam ser. E vemos Isabela meio que quebrando a norma de se casar e ter essa vida tradicional com um marido e ela meio que quebrando todas essas expectativas e sendo ela mesma. E eu realmente espero que possa ser assim para a Disney. Seria muito significativo.”

produtos midiáticos. “A cor está na tela, mas a raça não”(BARBOSA; DE SOUZA, 2018, p.86).

Barbosa e Souza questionam:

essa representatividade tem valor político ou é apenas uma forma de suprir demandas mercadológicas de inclusão das minorias que hoje tensionam de forma acirrada as representações e o consumo de produtos midiáticos? (BARBOSA; DE SOUZA, 2018, p.87).

Dolores não é a única personagem racializada na trama e a ausência de discussão sobre o assunto dá a impressão de que Encanto se passa em um mundo em que a discriminação racial já foi superada. Ao não abordar o racismo e opressões relacionadas a ele, Encanto contribui para o apagamento dessa dimensão que é parte integrante da realidade de pessoas negras ao redor do mundo:

Essa operação constitutiva de narrativas audiovisuais sobre meninas negras que ignoram parte fundante e definidora do que é ser uma menina negra - seja na América, seja no Brasil - é em si uma operação racista porque iguala a infância negra à infância branca das meninas, como se a única opressão que incidisse sobre ambas, sem nuances e sem interseções, fosse a de gênero. (BARBOSA; DE SOUZA, 2018, p.92).

A partir dessa análise, concluímos que a presença de meninas negras tem sua importância esvaziada ao se resumir à mera representação visual, sem aprofundar questões que fazem parte do universo de pessoas racializadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encanto marcou a história da Disney para além das métricas de sucesso. O filme representa uma grande mudança no formato característico do estúdio de contar histórias infantis. Com temática ligada à Colômbia e à América Latina e sua abordagem sensível de temas como família, deslocamentos forçados e traumas geracionais, a animação abre precedente para que filmes do gênero se aproximem cada vez mais do público que buscam representar. Contudo, ainda existe um longo caminho a percorrer para que essa representação chegue perto da ideal. A presença de personagens racializadas tem sua dimensão reduzida ao ignorar, no produto final, a discriminação racial como fator constituinte da subjetividade de pessoas não brancas. Para além da inclusão de pessoas de origem diversa na produção de filmes, é necessário estudo e comprometimento com a autenticidade na representação, seja ela de algo, de alguém, ou mesmo de um povo e de uma cultura. Mas, acima de tudo, respeito e responsabilidade são valores essenciais ao lidar com todas as dimensões desses corpos e seus atravessamentos.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, K. G.; DE SOUZA, F. N. A Solidão das Meninas Negras: apagamento do racismo e negação de experiências nas representações de animações infantis. **Revista ECO-Pós**, v. 21 n. 3, 2018. Eco.Pós-UFRJ. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/20239. Acesso em: 16 ago. 2023.
- DE LAURETIS, T. **Tecnologias de Gênero: A Tecnologia do Gênero**. Indiana University Press, 1987, p.1-30.
- DESCUBRA a Colômbia. **Disney+** 2022.
- ESCOBAR, Arturo. Territórios de diferença: a ontologia política dos “direitos ao território”. **climacom cultura científica**, v. 3, n. 6, p. 31-46, 2016. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/territorios-de-diferenca-a-ontologia-politica-dos-direitos-ao-territorio/>. Acesso em: 31 mar. 2023.
- HALL, S. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, Apicuri, 2016.
- LOURO, G. Pedagogias da sexualidade. In: **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Autêntica: Belo Horizonte, 2000, pp. 4-24.
- MIRANDA, Lin-Manuel; FRANCO, Germaine. **Encanto (Original Motion Picture Soundtrack)**. Walt Disney Records, 2021. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/album/25L8ck3KGcmCo3901ztPzR>. Acesso em: 16 ago 2023.
- SEGATO, Rita. *Los cauces profundos de la raza latinoamericana: una relectura del mestizaje*. In: **Crítica y emancipación** (3), 11-14: primeiro semestre, 2010.
- SILVA, Fernanda; OLIVEIRA, Lettícia. Desestabilizando o gênero? Super-heroínas, feminilidades e gênero midiático em transformação. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos** 24(2):110-120 maio/agosto 2022.
- SILVA, Fernanda Mauricio. “Este programa inclui representações negativas”: diversidade e diferença na série SparkShorts do Disney+. **Revista Galáxia**. v. 48, 2023, pp.1-21. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/59074/41732>. Acesso em 15 ago. 2023.
- TORRES, Sonia. **Nosotros in USA: literatura, etnografia e geografias de resistência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.